



REESMA, Humaitá - Amazonas, Volume XX, nº 2, jul-dez. 2026, p. 355-367.

"O FEMINISMO É O CONTRÁRIO DA SOLIDÃO": VIVÊNCIAS ARTIVISTAS FEMINISTAS

"FEMINISM IS THE OPPOSITE OF LONELINESS": FEMINIST ARTIVIST EXPERIENCES

Mayara Cruz Albuquerque ¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar e refletir sobre a Pedagogia Artivista Feminista desenvolvida pelo Projeto Severinas Mulheres do Sertão, com ênfase nas vivências feministas junto ao grupo de mulheres Florescer, uma iniciativa do Instituto Primeiro Estágio de Esporte, Cultura e Educação, que promove práticas sustentáveis e ações de arborização em Quixeramobim, no Sertão Central do Ceará. O relato de experiência evidencia como o projeto Severinas articula arte, militância feminista e práticas pedagógicas emancipatórias, promovendo a escuta sensível das mulheres e a construção de espaços de reflexão crítica e empoderamento feminino. As ações de ativismo feminista resultaram no fortalecimento da sororidade entre as participantes, na ampliação do diálogo sobre as desigualdades de gênero na arte e em outros espaços, contribuindo para o enfrentamento das estruturas patriarcais e machistas, bem como para a formação de sujeitas mais críticas e conscientes de seu papel nos processos de emancipação e equidade de gênero.

Palavras-chave: Pedagogia Feminista; Ativismo Feminista; Vivências feministas.

¹ Doutoranda em Educação e Ensino pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Educadora, pesquisadora feminista e realizadora do projeto Severinas Mulheres do Sertão (Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM) E-mail: cruz.albuquerque@aluno.uece.br. Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6753-2042>.



Abstract: The present work aims to present and reflect on the Feminist Activist Pedagogy developed by the Severinas Mulheres do Sertão Project, with emphasis on the feminist experiences shared with the group of women Florescer, an initiative of the Instituto Primeiro Estágio de Esporte, Cultura e Educação, which promotes sustainable practices and tree-planting actions in Quixeramobim, in the Central Sertão region of Ceará. This experience report highlights how the Severinas project articulates art, feminist activism, and emancipatory pedagogical practices, promoting the sensitive listening of women and the creation of spaces for critical reflection and female empowerment. The feminist activism actions resulted in the strengthening of sorority among the participants, the expansion of dialogue on gender inequalities in art and other spaces, contributing to the confrontation of patriarchal and sexist structures, as well as to the formation of more critical subjects, aware of their role in the processes of emancipation and gender equity.

Keywords: Pedagogical feminist; Feminist Activism; Feminist experiences.



1 INTRODUÇÃO

Compreendemos o movimento feminista como “o contrário da solidão” (Tiburi, 2018) e reconhecemos sua convocação a um “permanente estado de partilha” (Diniz, 2022). É com esta perspectiva que iniciamos este texto, conscientes de que ousar quebrar tabus em uma sociedade de base patriarcal como a nossa é uma tarefa árdua e, que, necessariamente, não precisa ser impulsionada apenas pela dor que carregamos, mas, sobretudo, pela alegria de estar entre mulheres e pelo crescimento que o movimento e a luta nos proporcionam. Assim como a ativista russa Nadya Tolokonnikova e Frida Kahlo, acreditamos que o riso é importante, é um verdadeiro ato de resistência diante de um sistema que quer nos ver sobrecarregadas, estressadas e anuladas, para não dizer coisa piores.

As pessoas acreditam que realizamos ações políticas como se estivéssemos indo trabalhar em um escritório chato, que depois descansamos e aí começa a vida real. Na verdade, é exatamente o contrário. Só precisamos encontrar uma maneira de reconhecer a imensurável alegria de unir forças. Às vezes me preocupo comigo mesma, temendo estar viciada nesse envolvimento coletivo. A verdade é que o ativismo se tornou meu vício (TOLOKONNIKOVA, 2019, p. 56).

O vício do ativismo também está em nós. Hoje, nos reconhecemos como ativistas feministas, e utilizamos a arte para ocupar espaços e reverberar nossas ideias. Para Lúcia Helena Martins, trata-se de uma forma de criar rupturas: “sendo arte política, o ativismo combina e confunde os campos da linguagem artística com propostas políticas transformadoras da realidade e essa noção de arte e vida amplia o significado da vida” (MARTINS, 2022, 56). Nesse sentido, é possível afirmar que as nossas vidas foram completamente amplificadas quando iniciamos nossa militância feminista.

Mesmo após a quarta onda do feminismo, o movimento segue florescendo com vigor por todo o Brasil, renovando-se em diferentes contextos e territórios. No Sertão Central do Ceará, de modo especial, estamos semeando a luta por um mundo melhor para as mulheres, por meio do projeto Severinas Mulheres do Sertão, que, desde 2018, realiza formações, rodas de conversa, exposições rurais fotográficas, clube de leitura, cineclube, entre outras ações. Todas essas iniciativas buscam visibilizar as mulheres rurais e valorizar seus saberes cotidianos. Além disso, essas ações têm se consolidado como



espaços de disseminação da pedagogia feminista nas escolas públicas e de construção de sororidade entre mulheres do campo e da cidade. Tais práticas constituem não apenas uma forma de resistência, mas também uma maneira de combater a invisibilidade e o silenciamento das mulheres rurais. Segundo Claudia Korol (2007), uma pedagogia popular feminista são chaves que buscamos coletivamente para tornarmo-nos sujeitas e sujeitos da nossa própria caminhada e buscam denunciar as mais diversas formas de opressão.

Como não poderia deixar de ser, as diversas formas de opressão continuam a se repetir, e a história segue sendo implacável com as mulheres. Mas será a História ou o patriarcado? Hoje, nos autointitulamos as netas das bruxas que não conseguiram queimar; porém, muitas de nós ainda continuam sendo queimadas. Conquistar um cargo alto em uma empresa não é a meta de todas as mulheres, algumas estão apenas tentando sobreviver ao racismo estrutural e sustentar suas famílias, enquanto enfrentam diariamente um transporte público lotado, isso quando não dormem na casa da “patroa”. Para Silvia Federici (2017), a caça às bruxas foi uma guerra contra as mulheres. Nas fogueiras, forjaram-se os ideais burgueses de feminilidade e domesticidade (Federici, 2017, p. 334). Infelizmente, é possível afirmar que ainda vivemos em um mundo que permanece em guerra contra os corpos femininos. Manchetes de mulheres com os rostos completamente desfigurados por seus companheiros, sobreviventes de uma violência inominável, marcaram o ano de 2025, que ainda não terminou e já apresenta dados alarmantes de feminicídio.

Neste sentido, este relato de experiência tem como objetivo principal compartilhar e refletir sobre a atuação do projeto Severinas Mulheres do Sertão na construção de espaços de reflexão crítica no enfrentamento ao machismo tão presente no interior do Ceará, a partir das experiências formativas desenvolvidas em parceria com o grupo de mulheres Florescer, por meio do apoio da Lei Paulo Gustavo.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O que é um encontro de mulheres bem-sucedido? É quando elas se abrem e falam suas dores como nunca fizeram antes? É quando a confiança é estabelecida e ser vulnerável não parece tão ruim? É quando juntas aprendemos a sermos mais fortes? É quando, juntas,

aprendemos a sermos mais fortes. Essa foi uma reflexão que fizemos na página do Instagram do Severinas sobre o primeiro encontro com o grupo de mulheres do projeto Florescer. Na verdade, não foi o primeiro encontro. Em agosto de 2024 estivemos juntas em uma exibição e debate do Cine Severinas.

Figura 01 – Cine Severinas com o projeto Florescer



Fonte: Arquivo do projeto Severinas Mulheres do Sertão.

O debate foi tão bom que saímos da sessão desejando estar com elas mais vezes e isto foi concretizado. Em 2025, nos reencontramos para mais uma ação do Severinas. Dessa vez, por mais tempo e com mais planos, um deles, realizar uma exposição de bordados coletiva. O referido projeto² tem como objetivo realizar: rodas de conversa e formações em ativismo feminista, oficinas de bordado, exposições fotográficas rurais coletivas e, por fim, uma transmissão online no Youtube para compartilhar e democratizar as experiências vividas.

São três grupos envolvidos nessa nova ação do Severinas e um deles é o grupo de mulheres do projeto Florescer. O grupo é uma iniciativa do Instituto Primeiro Estágio de Esporte, Cultura e Educação, uma organização sem fins lucrativos que trabalha há mais de uma década no município de Quixeramobim com jovens, adolescentes e mulheres com o objetivo de combater a desigualdade social no sertão do Ceará e ressignificar os paradigmas sociais. Através do Instituto, as mulheres têm feito uma série de capacitações, sobretudo um trabalho de preservação ambiental, em parceria com a Secretaria de Trabalho e Assistência Social.

Figura 02 – No projeto Florescer, as mulheres plantam e comercializam suas produções



Fonte: Arquivo do projeto Severinas Mulheres do Sertão.

O grupo de mulheres do Projeto Florescer é composto, em sua maioria, por mulheres negras, periféricas, mães, trabalhadoras, estudantes de EJA (Educação de Jovens e Adultos) e grandes sonhadoras. No primeiro encontro, discutimos todas as etapas do projeto e construímos, coletivamente, um calendário de encontros. Além disso, foi solicitado às participantes autorização para a utilização dos registros fotográficos e em vídeo, tanto para compartilhamento nas redes, quanto para fins acadêmicos e para a exposição fotográfica. Nesse sentido, os registros visuais foram fundamentais para a análise das vivências, complementados pela observação participante, uma vez que estávamos continuamente inseridas nas práticas e nas trocas com o grupo.

Figura 03 – Logo no primeiro dia, surgem os primeiros vínculos de confiança e afeto



Fonte: Arquivo do projeto Severinas Mulheres do Sertão.

Foram longos meses de convivência, e, um dos nossos encontros, começamos em círculo, de mãos dadas e ao som da música “Vá se Benzer”, de Preta Gil em parceria com Gal Gosta, composta por Leo Reis, Deco Simões, Emerson Taquari e Sérgio Rocha. Estimulamos as mulheres a cantarem, a plenos pulmões, o verso “Eu sou, eu, diz aí quem é você” e balançar o corpo a cada batida. Elas não conheciam a música.

Logo após esse primeiro momento, colocamos duas cadeiras no centro da sala e lançamos a proposta. A dupla sentaria e responderia a duas perguntas: o que você vê? Como você me vê? Já na primeira dupla, a sala se encheu de fortes emoções, memórias e palavras de sororidade. Assim como nos ensina bell hooks, “a consciência emocional e a expressão de emoções necessariamente têm espaço dentro da sala de aula” (hooks, 2020, p. 132). Nesse sentido, os encontros do Severinas sempre foram atravessados pelo despertar da consciência feminista e, por isso mesmo, consciência emocional também.

Figura 04 – Encontro com o grupo de mulheres Florescer

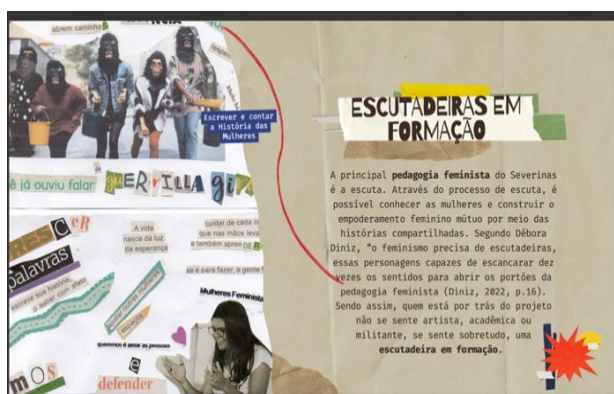


Fonte: Arquivo do projeto Severinas Mulheres do Sertão.

Nosso papel, enquanto educadores feministas, é garantir que a sala de aula, o alpendre, o terreiro – todos os lugares onde nossas reuniões já aconteceram, e os que ainda virão, sejam espaços em que as mulheres se sintam seguras para expressar suas emoções e até mesmo expurgá-las. Com as mulheres do projeto Florescer, tem sido assim.

Não só nos emocionamos no encontro, como também fomos convidadas a participar. Quando ouvimos a história de Cristiane, que mais parecia uma série, contada enquanto ela olhava profundamente em nossos olhos, nos sentimos intensamente fortalecidas enquanto mulher, educadora e feminista. Mesmo após um tempo considerável de convívio, as outras mulheres não conheciam o que Cristiane compartilhou no dia 24 de julho de 2025 e jamais esqueceremos a sua história de vida e sua força para lidar com tantas perdas e dores.

Figura 05 - Print do material utilizado durante os nossos primeiros encontros



Fonte: Arquivo do projeto Severinas Mulheres do Sertão.

Ainda nesse encontro, as mulheres se dividiram em grupos e escreveram cartas pedagógicas, nas quais refletiram sobre as suas experiências de formação ao longo de quase dois anos do projeto e o que desejam para o futuro. Algumas sonham em continuar os estudos e ingressar no ensino superior. São muitos sonhos e planos de uma vida melhor e mais feliz.

Figura 06 - Escrita de cartas pedagógicas

Fonte: Arquivo do projeto Severinas Mulheres do Sertão

3 RESULTADOS

É difícil escrever quando não somos estimuladas, principalmente quando se trata de contar as nossas próprias memórias e sonhos. Mais que natural que as mulheres sentissem um pouco de dificuldade para começar a escrita da carta, daí sugerimos que todas comesçassem com a mesma frase: “queridas companheiras, escrevo esta carta para compartilhar os momentos, as experiências, os aprendizados”, e assim, elas conseguiram discutir e escrever juntas:

Grupo 01

“Aqui no Florescer tudo pode acontecer.

Aqui tem quem gosta de brincar, a que não gosta de falar, mas somos todas mulheres fortes, lindas, guerreiras desenroladas, trabalhadoras e maravilhosas. Somos o Florescer”.

Grupo 02

“Aprendemos a ouvir mais, a respeitar umas às outras. Aprendemos que cada pessoa tem seu limite, suas qualidades e defeitos. Vamos levar amizades verdadeiras para toda a vida. Nosso sonho é que todas possam sair profissionalizadas e que tenham um futuro melhor”.

Grupo 03

“Mulheres incríveis, o que vivemos juntos vai além da palavra. Cada uma trouxe suas histórias e suas dores, suas conquistas, seus medos e sua coragem. Foi lindo ver como nos apoiamos, nos abraçamos em gestos e palavras, que essa experiência não termine aqui. Ela ecoa em cada uma de nós, levamos com a gente aprendizados, conexões verdadeiras”.

O grupo está em clima de despedida, e por elas, essa despedida poderia demorar um bocado. Foi possível perceber ao longo da nossa convivência, o quanto o projeto afeta positivamente a renda, a autoestima e a autonomia de todas as mulheres envolvidas. Elas plantam e comercializam produtos sem veneno, planejam e cuidam da arborização do instituto, além de receberem cursos e formações.

Figura 07 – Exposição Severinas Alinhavadas



Fonte: Arquivo do projeto Severinas Mulheres do Sertão.

E, como estava planejado no nosso calendário, percorremos um caminho que passou pela formação, pesquisa, reflexão, intervenção, até chegarmos à criação. Assim, no dia 25 de setembro, realizamos a primeira exposição Severinas Alinhavadas. Uma exposição feita por muitas mãos de mulheres e não é só força de expressão. Foram, de fato, as mãos de muitas mulheres que bordaram e teceram histórias, afetos e emoções a partir de seus próprios registros fotográficos. Em especial, as fotografias do grupo de mulheres do projeto Florescer dialogaram com as das mulheres do campo realizadas ao longo dos anos pelo projeto Severinas.

Figura 08 – Oficina de bordado com a artista Francisca Maria Braga



Fonte: Arquivo do projeto Severinas Mulheres do Sertão.

Um dos exercícios que fizemos, e que também integra a exposição, foi inspirado no trabalho da artista visual Ana Teixeira e seu projeto "Cala a boca já morreu" (2019-2023). Com a pergunta "O que você não quer mais calar?", a artista ouviu mais de 100 mulheres e documentou o que elas gostariam de comunicar ao mundo. Neste dia, apresentamos a performance, dialogamos sobre a proposta e produzimos as frases e registros fotográficos à nossa maneira.

As companheiras do projeto Florescer são mulheres com histórias de vidas que dariam um filme, que sofreram e sofrem – em seus corpos e existências – as dores de um país profundamente desigual, racista, lgbtfóbico e sexista. Assim como eu-lírico em “Still I rise”, de Maya Angelou (2014), vemos cada uma dessas mulheres se reerguendo dia após dia, transformando toda dor e luto em luta. Elas se levantam e continuam se levantando porque carregam os sonhos e as esperanças de suas antepassadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando idealizamos o Severinas, carregávamos dentro de nós, a vontade de ouvir histórias de mulheres, sobretudo, as que vivem nas zonas rurais do interior do Ceará. Procuramos, até hoje, por conexão, pertencimento e reflexão. Sair com uma câmera na mão significava a possibilidade de sermos contadoras de histórias, de criarmos imagens nas quais as mulheres reconhecessem suas trajetórias e existências de maneira empoderada. Os anos se passaram, e ainda procuramos por tudo isso, apesar de estarmos mais cansadas, a cada dia. No entanto, quando encontramos um grupo de mulheres como o Florescer, nossas energias são recarregadas e podemos esperar mais uma vez.



As oficinas de Artivismo Feminista foram a parte mais desafiadora da ação. Despertar o interesse das mulheres para discutir arte e feminismo não foi fácil, mas, ao final de cada encontro, conseguimos estabelecer a semente do diálogo, escuta e atenção entre mulheres. O grupo de mulheres Florescer nos trouxe a compreensão de que ainda há muito a construir entre mulheres e que não podemos desistir diante dos primeiros desafios que surgem. Afinal, fomos ensinadas a vida inteira a nos enxergar como rivais, e não como irmãs. Sororidade foi uma das palavras bordadas e semeadas ao longo dos meses que passamos juntas.

As oficinas de bordado foram momentos muito especiais. Não apenas bordamos, mas também rimos, cantamos, conversamos, desabafamos, tomamos café e comemos bolo. A artista Francisca Maria, que nos acompanhou no processo de transformar as fotografias em preto e branco em verdadeiras obras táteis, fez questão de reafirmar a cada encontro que o bordado, para ela, é uma forma de arteterapia e, concordamos plenamente. Assim como concordamos que é preciso peitar cada vez mais o patriarcado e encher o mundo de arte, feminismo e memórias de mulheres. Por isso, seguimos peitando, pulsando e alinhavando histórias de mulheres do campo e da cidade através de vivências artivistas feministas.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELOU, Maya. “Ainda assim, eu me levanto”. Tradução Mauro Catopodis. **Vinte Cultura e Sociedade**, 15 de fevereiro de 2014. Disponível em: <<https://vinteculturaesociedade.wordpress.com/2014/02/15/still-rise-de-maya-angelou-em-duas-traducoes/>>. Acesso em 18 de agosto de 2025.

DINIZ, Debora. **Esperança feminista**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**; tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

KOROL, C. La educación como práctica de la libertad: nuevas lecturas posibles. In: KOROL, C. (org.). **Hacia una pedagogía feminista: géneros y educación popular**. Buenos Aires: El Colectivo: América Libre, 2007, p. 9-22.



MARTINS, Lúcia Helena. **O ativismo da proximidade**: implicações pedagógicas em práticas de performances artivistas. 2022. Tese (Doutorado em Teatro) - Universidade do Estado de Santa, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00009b/00009b9c.pdf> Acesso em: 15 set. 2025.

TIBURI, M. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 2.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

TOLOKONNIKOVA, Nadya. **Um guia Pussy Riot para o ativismo**. Traduzido por Jamille Pinheiro Dias e Breno Longhi. São Paulo, Ubu Editora, 2019.